



Ciência e Meio Ambiente na Internet¹

Kamila Vasconcelos MENDES²
Allan Soljenítsin Barreto RODRIGUES³
Faculdade Boas Novas (FBN)

RESUMO

O artigo traça um perfil do Jornalismo Científico ao longo da história abordando a origem e o papel do Jornalismo Científico até o advento da internet, no qual está inserido o Portal da Ciência, site de jornalismo científico na Amazônia produzido por alunos da Faculdade Boas Novas (FBN). Trata também da experiência do site como único portal de jornalismo científico da região Norte e seus desafios para se tornar um grupo de pesquisas no campo da comunicação com ênfase no jornalismo científico e ambiental.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Científico; divulgação científica; internet; C&T; Portal da Ciência.

1. Jornalismo Científico

O Jornalismo Científico promove a divulgação da ciência e tecnologia através dos meios de comunicação de massa, segundo os critérios e o sistema de produção jornalísticos. Entretanto, dizer que o papel do Jornalismo Científico é apenas divulgar ciência é lugar comum, mesmo sendo essa uma de suas principais metas. Ao informar o público sobre a ciência, o Jornalismo Científico busca trazer reflexões, instigar discussões na sociedade e também contribuir de maneira efetiva na formação de uma cultura científica. “Neste caso, o jornalismo científico entremeia o ‘mundo da ciência’ com a realidade jornalística, buscando divulgar o conhecimento científico” (CALADO, 2007).

A origem da divulgação científica confunde-se com o nascimento da imprensa em meados do século XV. Na época, com a disseminação da impressão na Europa e o advento dos tipos moveis de Gutemberg o surgimento de uma comunidade de cientistas

¹Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Área Temática de Jornalismo, do VIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte.

²Acadêmica do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social, email: kmilamends@yahoo.com.br.

³ Jornalista, escritor, mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia e coordenador do curso de Comunicação Social da Faculdade Boas Novas (FBN) email: allan_soljenitsin@yahoo.com.br



foi acelerada. Isso fez com que as idéias e ilustrações científicas se tornassem acessíveis ao grande número de pessoas, mesmo sendo limitado aos representantes letrados da sociedade: clero, nobreza e burguesia, que começa a surgir (OLIVEIRA, 2005).

O advento da imprensa deu uma guinada na divulgação científica no século XV e possibilitou o surgimento do jornalismo científico. Ao mesmo tempo em que nascem jornais de renome por toda Europa, cientistas lançavam grandes obras, a exemplo de Galileu Galilei com o livro 'Mensageiro Celeste'. A obra causou polêmica ao afirmar que a Terra, assim como os outros planetas, girava em torno do Sol e não o contrário. Mas foi nos séculos XVI e XVII que houve o movimento conhecido como revolução científica. Nesse momento, a ciência vivia sua época de ouro na Europa e na Inglaterra nascia a divulgação científica.

A divulgação científica e o jornalismo científico nascem na Inglaterra em meados do século XVII com cartas escritas pelos próprios cientistas contando sobre suas idéias, experiências e descobertas. Uma vez que as cartas eram redigidas em vários idiomas, as traduções passaram a ter papel importante na divulgação do conhecimento científico da época. Mas foi Henry Oldenburg, secretário da Real Sociedade Britânica, o pioneiro a fazer divulgação científica nos padrões do jornalismo com traduções dessas cartas para a língua inglesa.

A história do jornalismo científico tem suas origens fecundadas a partir do interesse e da curiosidade do público por informações sobre a ciência. Esse foi o ponto de partida para a publicação e divulgação de correspondências de cunho científico resguardadas entre especialistas e pesquisadores do século XVI. O conteúdo dessas cartas revela os alicerces dessa categoria jornalística e principia o surgimento da profissão de jornalista científico (CALADO, 2007, p.123)

Com a criação de um novo gênero, Oldenburg passou a ser remunerado e a contar com a ajuda de um redator no veículo em que trabalhava. Ele também criou o periódico *Philosophical Transactions*, que contava com tradução e transcrição de várias cartas, textos científicos e atas de varias sociedades científicas. Mais tarde, o periódico foi aglutinado pela Royal Society, servindo como exemplo para as modernas publicações científicas durante dois séculos.

As descobertas no campo científico-tecnológico obtidas durante as duas guerras também mundiais impulsionaram o avanço do jornalismo científico nos EUA e na Europa. Afim de conhecer mais sobre a nova tecnologia bélica da época, jornalistas,



tanto europeus quanto americanos, acabaram criando as primeiras associações de jornalismo científico. De novo, é a Inglaterra que começa os trabalhos através do jornalista Richard Calder, que fundou junto com alguns colegas a Associação dos Escritores de Ciência. Com a Primeira Guerra Mundial (1914-1919) e o avanço tecnológico provocado por ela, a cobertura jornalística aumentou consideravelmente na área de ciência e tecnologia (C&T). Com a guerra, a ciência passou a receber destaque na mídia com as novas armas desenvolvidas como gases venenosos, bombas nucleares e submarinos (OLIVEIRA, 2005).

O Science Service (Serviço Científico), principal agência de notícias científicas nos EUA hoje, foi o primeiro serviço de notícias científicas americano. O Serviço Científico foi criado em 1921 por E.W. Scripps, que afirmava que a melhor forma de instruir a população seria através da imprensa com a divulgação de assuntos de interesse da comunidade. A exemplo da Science Service, associações e empresas foram criadas a fim de integrar jornalistas científicos e cientistas, visto que a distância entre ambos era (e ainda o é) a maior reclamação dos jornalistas. Associações como National Association of Service Writers – NASW (Associação Nacional de Escritores de Ciência) criada em 1945, que hoje congrega cerca de três mil escritores de ciência do país, surgiram por todo EUA.

A Associação Americana para Progresso da Ciência (AAAS) reúne toda a comunidade científica do país. Junto com a NASW, a AAAS realiza um evento anual de premiação ao jornalismo científico o Prêmio de Jornalismo Científico AAAS (AAAS Science Journalism Awards). Além de publicar a revista científica mais influente no mundo, a Science, fundada em 1880 por Thomas Edson, a associação também tem um serviço de divulgação eletrônica funcionando desde 1995. Segundo Oliveira (2005), se parece com a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), pois tem a divulgação pública como uma de suas principais missões e ainda desenvolve no Congresso um trabalho para a criação e aprovação de leis visando o desenvolvimento científico e tecnológico.

No século XX, as descobertas na área científico-tecnológica viraram assuntos comuns aos veículos de comunicação, não só pelo papel que a imprensa estava galgando na sociedade, mas também pela velocidade com que experiências e descobertas de C&T eram feitas.



A mídia passou a desempenhar a função estratégica de fornecedora de informações científicas, as quais permitem que todos se sintam minimamente afinados com as questões centrais de um mundo que, sob a égide da ciência e da tecnologia mostra-se em contínuas e rápidas transformações (CALADO apud BERTOLLI FILHO, 2007, p.234)

1.2 Jornalismo Científico no Brasil

A imprensa no Brasil surge com significativo atraso se comparada a Europa e o EUA. Apesar de no século XIX a Europa e os EUA terem vivido a era de ouro da divulgação científica, no Brasil a corte portuguesa acabara de desembarcar fugindo de Napoleão Bonaparte, o que deu fim a proibição de publicar livros e jornais.

Após esse período, o Brasil sofreu intensas modificações na sua forma de governo. De colônia passou a Império, depois a República. Nos anos de republicanos conheceu dois períodos de ditadura: o Estado Novo, de Getúlio Vargas, entre 1937 e 1944, e o regime militar, de 1964 a 1985. Além dos longos anos sob o domínio português o país viveu durante a república 28 anos de ditadura militar. Nesse período, a imprensa pouco se desenvolveu e a ciência só veio a se estabelecer, como em muitos países, depois da segunda guerra mundial.

A imprensa brasileira se desenvolveu ligada desde seu início ao tipo de governo vigente. O primeiro periódico que o Brasil conheceu foi a Gazeta do Rio de Janeiro, impresso pelo órgão pertencente à corte de D. João VI. A Imprensa Régia, publicava apenas o que importava ao governo, o interesse público não constituía uma preocupação de quem o escrevia. O primeiro impresso independente do Brasil, o Correio Brasiliense, era todo feito em Londres, também em 1808, com a desculpa de que Hipólito Costa, fundador do periódico, fugia da censura que o impedia de falar dos poderosos.

Em 1920, houve um surto significativo de divulgação científica no Brasil, especificamente no Rio de Janeiro. Os líderes do movimento pretendiam criar meios para o desenvolvimento da ciência básica no país. Usaram para esse fim não só os meios impressos, mas também o rádio e o cinema como meios de divulgação. Seus esforços deram origem ao instituto Manguinhos e as primeiras faculdades de filosofia, ciências e letras. Todavia, o surto carioca teve fim na década de 30 tendo entre as possíveis razões para seu fim a criação do Estado Novo, que controlava a educação e a comunicação da época (MELLO, 2001)

Durante a ditadura, as informações veiculadas passavam pelas mãos do governo, que visava o controle das informações veiculadas pela imprensa. Para tanto, em 1940 o



presidente do Estado Novo, Getúlio Vargas, cria o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e, pela primeira, vez dá estrutura e financiamento próprios à imprensa. O DIP deu início a uma série de ações de estrutura e financiamento que o governo tomou durante a ditadura a fim de cercear a liberdade de expressão e de imprensa.

Com a criação dessa repartição pública o Governo preocupa-se pela primeira vez com em dar estrutura e orçamentos próprios a área de imprensa e propaganda. É a primeira e a maior iniciativa do governo federal de organiza sistema e estrutura de comunicação social com a finalidade principal de cercear a liberdade de informação e expressão durante o Estado Novo (1937-194) (OLIVEIRA, 2005, p. 28).

O jornalismo científico se desenvolveu no Brasil com visível atraso se comparado com o avanço científico-tecnológico nos EUA e com a revolução científica vivida na Europa no século XVII. No país, a divulgação científica sofreu a influência direta dos anos de submissão à coroa portuguesa e da ditadura militar que geraram no jornalismo científico um vácuo na divulgação da produção científica nacional. Mas foi na década de 40 que a ciência brasileira ganhou notoriedade na imprensa. Assim como em outros países, foi influenciada pelo avanço tecnológico do entre-guerras e especialmente pelo término da II Guerra Mundial.

O fator mais importante na história do jornalismo científico e da divulgação científica no Brasil foi a criação da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Criada em 1948, a SBPC surge como uma reação de José Reis, um de seus fundadores, a iniciativa do então governador de São Paulo de transformar o Instituto Butantã em mero produtor de soro antiofídico, quando este já possuía significativa importância para a saúde de São Paulo. (CAPOZZOLI, 2008)

Hoje, a SBPC reúne todas as sociedades científicas do país e ao longo de seus mais de 50 anos vem construindo uma imagem respeitada e de resistência, principalmente nos anos de governo militar, durante os quais, em suas reuniões, seus freqüentadores (professores universitários, cientistas, estudantes e escritores, ou seja, os intelectuais da época) tinham espaço para debater sobre ciência e política no país. José Reis fundou o SBPC juntamente com cientistas para discutir a função social da ciência como forma de reação não só a decisão do governador de SP em relação ao Instituto Butantã, mas a iniciativa tomada pelo governo durante o Estado Novo e a presidência de Getúlio.



As raízes mais profundas dessa reação que levou a fundação da SBPC estão no Estado Novo e, depois, na eleição de Getúlio Vargas e sua determinação em disseminar universidades e institutos de pesquisa como maneira de dotar o país de infra-estrutura científica (CAPOZZOLI, 2008, p.10)

A primeira ação significativa do governo em executar a idéia nacionalista de militares e burocratas de “segurança nacional” foi a criação do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) pelo almirante Álvaro Alberto em janeiro de 1951. Desenvolver no país uma ciência atrelada ao governo e ao desenvolvimento de pesquisas sobre a energia nuclear e uma infra-estrutura científica é para Capozzoli a raiz da fundação do CNPq. O CNPq é hoje a agência que mais estimula a pesquisa e produção de conhecimento científico no país. A agência mantém e alimenta bolsas de pesquisas em cursos de pós-graduação em todo país e agrega instituições de pesquisa nacionais e internacionais.

Foi durante o regime militar (1964-1984) que a produção de ciência e tecnologia brasileira obteve apoio significativo. Apesar do aspecto político que a envolvia, foi nessa época que houve no país um avanço científico e tecnológico. Nesse período foram criados institutos e programas de pesquisa como o programa espacial brasileiro e a indústria aeronáutica.

Apesar dos aspectos ideológicos e políticos que circundaram esse momento da nossa história, é preciso reconhecer que foi um período de grande incentivo ao desenvolvimento tecnológico, que ainda hoje representa parte significativa da inteligência nessa área, na forma de institutos de pesquisa e universidades (OLIVEIRA, 2005, p. 30-31)

Ao mesmo tempo em que o período militar trouxe dano considerável à sociedade brasileira, também foi o momento em que o Governo passou a investir na produção científica nacional. Mesmo assim o jornalismo científico ficou atrelado à divulgação dos projetos da época. Na realidade, ciência e tecnologia sempre estiveram ligadas ao governo estadual e federal no Brasil (OLIVEIRA, 2005).

1.2.1 Da década de 80 a Atualidade: o progresso

Na década de 80, as notícias de C&T cresceram significativamente influenciadas por acontecimentos de repercussão internacional como a passagem do cometa Halley e as viagens espaciais. Na década de 90, a criação das revistas *Ciência Hoje* (SBPC) e *Ciência Ilustrada* (Editora Abril) garantem o crescimento do jornalismo



científico no Brasil. Veículos conhecidos pela sua confiabilidade surgiram na mesma época, como *Globo Ciência* (Editora Globo) e *Superinteressante* (Editora Abril). Outro fator que contribuiu para o desenvolvimento do jornalismo científico brasileiro foi o surgimento de programas de televisão, como *Globo Ciência* e *Estação Ciência*, da extinta TV Manchete. Além disso, já eram frequentes nos noticiários brasileiros manchetes sobre C&T.

Em 1992, quando foi realizada no Rio de Janeiro a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Rio 92, já era grande o número de jornais que contavam com editoriais de C&T, revistas especializadas e programas de rádio e TV (OLIVEIRA, 2005, p. 39).

Na década de 90, apesar de haver uma falha na formação do jornalista e escritor científico quanto à fundamentação teórica para ‘linear’ temas como economia e política na área de C&T, grandes jornais expandiam suas editorias abrindo espaço para publicações sobre ciência e tecnologia, mesmo sendo produção de fora do país, especialmente americana.

Aos poucos, no decorrer dos anos 90, assessorias de imprensa de Universidades, instituições de pesquisa e agência de apoio à pesquisa produziam material de divulgação como informativos, jornais e revistas, que até hoje vêm fornecendo conteúdo aos veículos de comunicação do país. Pode-se dizer que devido à iniciativa das assessorias e dos jornais em publicar, mesmo que de forma esporádica, a produção científico-tecnológica nacional hoje temos considerável acervo disponível. “O jornalismo científico se for possível a analogia, mal saiu da fase romântica, resvala muitas vezes no denunciismo e no alarmismo sem fundamento e é incapaz de análises e exposição de contrapontos [...]” (OLIVEIRA, 2005, p.39).

No Brasil, a área de jornalismo científico tem problemas bastante discutidos em seminários e conferências sobre o tema, como a dificuldade de achar fontes confiáveis, o difícil acesso aos pesquisadores e as entidades científicas, que não entendem a importância da divulgação do seu trabalho para o público leigo, ou que por vezes pensam na divulgação de forma simplista, sem conteúdo ou que o jornalista não possui formação específica na área de jornalismo científico.



Nos últimos anos o jornalista científico tem se especializado na área graças aos cursos de Pós-Graduação oferecidos por Universidades em todo país, mas vale ressaltar que apesar da crescente demanda de cursos na área, a presença do jornalismo científico no curso de jornalismo é escassa. É preciso que as universidades invistam na formação de jornalistas científicos, pois, segundo Calado (2007) não adianta manter uma página diária de informações sobre ciência se o leitor não consegue compreender o conteúdo por falta de clareza do profissional.

1.3 Jornalismo Científico na internet

Com o advento da internet houve uma verdadeira revolução no acesso a informação científica. Se antes raramente se publicava em grande quantidade notícias na área de C&T, hoje a todo instante somos ‘*bombardeados*’ por notícias, boletins eletrônicos, artigos científicos. Temos então a impressão de que podemos desfrutar de fontes seguras e de assuntos novos a cada segundo apenas com um *click* do mouse. Mas essa impressão logo vira frustração quando não encontramos o que procuramos na web.

Ao mesmo tempo em que a internet proporciona uma vasta quantidade de assuntos e fontes, o conteúdo noticioso torna-se repetitivo em grande parte dos veículos mudando apenas alguns detalhes ao longo do texto.

A ironia é que a web, como um vasto repositório de informações, tornou acessíveis ao grande público dados que antes eram difíceis de encontrar e aspectos da pesquisa científica que antes ficavam “escondidos” [...] Mas quando se observa o noticiário científico, vê-se que umas poucas fontes dominam a cena (MACEDO-ROUET apud PETERSON, 2008, p.15)

O que se nota é que há um sério problema entre jornalismo científico e internet. Esperava-se que com o desenvolvimento da internet e sua infinidade de informações, seria prático para jornalistas científicos entrarem em contato com fontes, pesquisadores e agências. E à medida que usufríssem da gama de fontes disponíveis na web, suas matérias viessem repletas de informações e fontes, esperava-se que o conteúdo dos sites noticiosos e mesmo dos jornais impressos variassem de veículo para veículo. Não é o que acontece. Vemos a mesma informação, as mesmas fontes em sites diferentes.

Na realidade o que acontece é a desconfiança dos jornalistas em relação às fontes e a veracidade das informações veiculadas na web. Os próprios jornalistas são



céticos e afirmam não confiar no conteúdo da internet e por isso usam de extrema cautela na captação de informações on-line.

O fato é que a internet não oferece ao jornalista segurança nas informações. É preciso que o profissional tenha a sensibilidade em avaliar informações, de buscar em suas fontes seguras informações novas que façam a diferença na disseminação de uma cultura científica e não mais um veículo publicando a mesma notícia de sempre. Falta ao jornalista científico na web a iniciativa de ir além da mera narrativa de fatos. O conhecimento científico deve ser disseminado com precisão, contextualização e crítica.

1.4 Jornalismo Científico e Ambiental: a experiência do Portal da Ciência

O jornalismo científico não se refere somente as ciências exatas, chamadas de ‘duras’ (física, química, matemática), mas aquelas de cunho social, como filosofia, política, economia e meio ambiente. Este último muito em moda na mídia, mas nunca mostrado como realmente deve ser tratado: como um bem a ser estudado e preservado.

A prática dessa vertente do jornalismo científico não tem atendido a sua função principal: não possui comprometimento com o processo de democratização do conhecimento. Por muito tempo o jornalismo ambiental, uma das correntes do jornalismo científico, é feito por profissionais mais interessados no lucro (ou por aqueles que seguem apenas o ideal da empresa para qual trabalha) que têm dado vez a fatos sensacionalistas, às fontes oficiais, soterrando os que trabalham pela defesa e pesquisa do meio ambiente, povos da floresta e entidades da sociedade que defendem os consumidores.

Bueno (2004), afirma que a falta de compromisso do jornalista científico se deve a falta de uma ‘cultura de comunicação’ nas universidades, empresas e institutos de pesquisa do país, tal afirmação também pode ser aplicada ao jornalismo ambiental.

Mas o rumo do jornalismo dito verde está mudando. Segundo Bueno (2004), o jornalismo ambiental está em fase de transição. Para o autor há o surgimento do interesse das novas gerações pela internet, a ampliação do debate nas escolas de jornalismo faz surgir nas pessoas, mesmo as mais jovens, uma mudança de pensamento quanto à questão ambiental. O profissional já não pode se prender a regras ditadas pelos interesses econômicos ou por institutos e universidades que nele se apóiam. Faz-se necessário que o jornalista ambiental tenha um compromisso com a qualidade de vida e com o efetivo exercício da cidadania. “[...] É preciso enxergar além da notícia. É preciso



perceber quais os verdadeiros interesses dos que alegam fazer ciência [...], que na verdade só tem compromisso com seus investidores [...]” (BUENO, 2004).

Com o crescente interesse de instituições de ensino em formar profissionais aptos a exercerem a profissão de jornalista científico e, em especial, jornalistas ambientais, cresce o número de projetos de pesquisa e extensão em forma de periódicos e sites que divulgam resultado de pesquisas feitas em todo Brasil.

É com a premissa de formar profissionais aptos na discussão sobre ciência, tecnologia e meio ambiente, preocupados com o desenvolvimento da Região Amazônica que surge o Portal da Ciência. Criado dia 22 de março de 2008, o site tem como objetivo formar profissionais preparados para discutir assuntos referentes ao conhecimento científico produzido na região. Para tanto, como sua primeira iniciativa, o Portal foi promovido em seu lançamento uma mesa redonda sobre o desmatamento na Amazônia, incitando discussão e reflexão sobre o tema nos acadêmicos de Comunicação Social e de Ciências Teológicas da Faculdade Boas Novas (FBN) presentes no evento. Por ser o único site do Amazonas voltado para o jornalismo científico, o Portal tem um papel pioneiro: popularizar o conhecimento produzido nas instituições de pesquisa da Amazônia.

O Portal da Ciência nasceu como um projeto de pesquisa e extensão e hoje ocupa o lugar de primeira revista eletrônica voltada para a divulgação científica por meio de reportagens produzidas dentro dos parâmetros do jornalismo científico, que buscam desenvolver no acadêmico de jornalismo a sensibilidade de enxergar na produção textual uma arma de disseminação do conhecimento científico e de divulgar ciência. Por ser um veículo na web, acaba desenvolvendo outro papel importante, o de instrumento de formação, ou melhor, de construção de uma cultura científica que a região Amazônica não possui.

O site supre uma suprema necessidade das pesquisas desenvolvidas na Amazônia. Existe um vazio nos veículos de comunicação quanto à divulgação científica. Muitas vezes o espaço dado para C&T é ocupado por notícias tiradas dos sites das instituições de pesquisa, por releases ou por notícias autopromocionais de empresas que veiculam sua marca sempre ligada à preservação do meio.

O Portal também enfrenta o problema que permeia o jornalismo científico: a tensão cientista x divulgador. O conflito entre jornalistas e pesquisadores gera uma queda na produção e na qualidade de divulgação de C&T. É comum os bolsistas do site não obterem respostas por parte dos cientistas que enxergam a falta de experiência como um



obstáculo, ou seja, o bolsista é, muitas vezes, subestimando em sua capacidade de entender e contextualizar as pesquisas. Já os bolsistas, reclamam da inacessibilidade do pesquisador e do uso de termos técnicos que dificultam a captação da matéria. Essa tensão dificulta o discurso qualificado sobre C&T desenvolvidos no Amazonas.

Apesar das dificuldades que permeiam as publicações do Portal, o veículo começa agora um novo desafio: se tornar um grupo de pesquisas. O site sempre teve o objetivo de se tornar também um grupo de pesquisa, mas precisava primeiro se estabelecer como portal de jornalismo científico na Amazônia. A transição de portal de jornalismo científico para grupo de pesquisa se dá a partir do momento em que os bolsistas depois de ler sobre e produzir jornalismo científico começam a ter maturidade para iniciar-se na pesquisa e ainda continuar sua produção para o site.

Todo o conteúdo noticioso publicado no site é produzido por alunos e revisado por professores da Faculdade Boas Novas (FBN). Os bolsistas do projeto contam com a parceria de colaboradores de instituições de pesquisas e assessorias de comunicação. Ao longo do ano de 2007, o Portal da Ciência já realizou a divulgação dos resultados de 22 projetos e pesquisas desenvolvidas por instituições como a Fundação de Amparo a Pesquisas do Amazonas (Fapeam), o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) e a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), por meio das reportagens publicadas. O Portal também promove a interatividade com seus leitores através de enquetes que abordam temas relacionados à ciência, política e o desenvolvimento da região. O site recebe e responde dezenas de e-mails mensais de Estados como Rio Grande do Sul, Roraima, São Paulo e Mato Grosso interessados em saber mais sobre a região.

Após um ano de funcionamento, o balanço das atividades do Portal da Ciência pode ser considerado positivo diante das conquistas e dos desafios que ainda estão por vir. O êxito e problemas do projeto só fortaleceram o propósito do grupo de continuar trabalhando pela popularização do conhecimento produzido nas instituições de pesquisa da Amazônia, pela formação de jornalistas preocupados com o desenvolvimento da região e pela criação de um grupo de pesquisa sobre jornalismo científico e ambiental no Estado.



Referências

BUENO, Wilson da Costa. **O que é Jornalismo Científico?** Disponível em: <<http://www.jornalismocientifico.com.br/conceitojornacientifico.htm>>. Acesso: 30 de Març. de 2008.

BUENO, Wilson da Costa. **Os novos desafios do Jornalismo Científico.** Disponível em: <http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_cientifico/artigo9.php>. Acesso: 30 de Març. de 2008.

_____, Wilson da Costa. **Jornalismo ambiental: Navegando por um conceito e uma prática.** Disponível em: <<http://www.ecoviagem.com.br/fique-por-dentro/artigos/meio-ambiente/jornalismo-ambiental-navegando-por-um-conceito-e-por-uma-pratica-1239.asp>>. Acesso: 24 de Març. de 2008.

_____, Wilson da Costa. **Os equívocos do Jornalismo Científico no Brasil.** Disponível em <<http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/newsletter/noticia4.htm>>. Acesso: 24 de Març. de 2008.

CALADO, Liliande de Andrade. **A ciência no jornalismo impresso: Análise das reportagens do suplemento Milenium do Jornal Correio da Paraíba.** Disponível em: <<http://www.insite.pro.br/Ensaio%20Liliane%20novembro.htm>>. Acesso: 28 de Març. de 2008.

CAPOZZOLI, Ulisses. **Fôlego novo na divulgação de ciência.** Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/ofjor/ofc100420021.htm>>. Acesso: 23 de Març. de 2008.

_____. Ulisses. **Jornalismo científico e alienação social.** Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/ofjor/ofc140320011.htm>>. Acesso: 23 de Març. de 2008.

MACEDO, Eliana Frantz. **O espaço para a divulgação científica no Brasil.** Disponível em: http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_cientifico/artigo3.php>. Acesso: 24 de Març. de 2008.

MACEDO-ROUET, Mônica. **Divulgação científica na Internet: mais e melhores fontes?** Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/cultura/cultura10.shtml>>. Acesso: 30 de Març. de 2008

OLIVEIRA, Fabíola. **Jornalismo Científico.** São Paulo: Contexto, 2005.

SOUZA, Clidival Morais de. **Comunicação, Ciência e Sociedade.** Disponível em: <http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_cientifico/artigo6.php>. Acesso: 19 de Març. de 2008.



RYGAARD. Cintia. **Ascensão e queda do verde na mídia.** Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/ofjor/ofc210820024.htm>>. Acesso: 22 de Març. de 2008.